

**ÁREA TEMÁTICA:**  
Inovação e Sustentabilidade

**TÍTULO:**  
O ÍNDICE DE CAPITAL SOCIAL EMPRESARIAL (ICSE) NA ÁREA DE LIVRE  
COMÉRCIO DE GUAJARÁ-MIRIM, RONDÔNIA: UMA ANÁLISE A PARTIR DA  
TEORIA DO DESENVOLVIMENTO ENDÓGENO

**Fábio Robson Casara Cavalcante**  
fabiocasara@unir.br  
Universidade Federal de Rondônia

**Emerson Araújo Alves**  
frcasara@hotmail.com  
Universidade Federal de Rondônia

### RESUMO

O presente trabalho foi derivado de uma longa pesquisa realizada por Cavalcante (2011) sobre a desigualdade regional em Rondônia. O problema da pesquisa ficou centrado na seguinte indagação científica: Qual o nível de capital social empresarial existente em Guajará-Mirim? Que relação existe entre esse índice e a realidade municipal? Foi utilizada a análise fatorial, método Varimax, para a construção dos índices de capital social, os quais foram derivados de 51 questionários aplicados ao empresariado local com base no modelo proposto por Grootaert *et. al.* (2003). As dimensões do ICSE estudadas foram: a) grupos e redes, b) confiança e solidariedade, c) ação coletiva e cooperação, d) informação e comunicação, e) coesão e inclusão social e f) empowerment. Pelo trabalho pôde-se concluir que o referido índice, ao apontar rendimento relativamente baixo, só reforça a análise feita por Cavalcante (2011) que indicou um cenário crise social para a região. O parâmetro “cooperação” foi o mais crítico de todos, configurando-se no principal entrave do desenvolvimento endógeno na região. Ficou evidenciado, ainda, pelo parâmetro *empowerment*, que os empresários da Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim demonstram uma relação muito significativa com o setor político, o que permitiu concluir que o comércio local não é determinado somente pelo mercado concorrencial e, sim, por uma relação de barganha política, onde cada qual busca resolver, isoladamente, seus interesses empresariais particulares, enfraquecendo, assim, o poder de governança local.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo; Desenvolvimento Endógeno; Capital Social; Guajará-Mirim; Rondônia

**1 INTRODUÇÃO**

O Estado de Rondônia durante seu processo de formação histórico-econômica vivenciou dois processos distintos ocorridos em seu território que marcaram sobremaneira os costumes e as tradições de seu povo. O primeiro deles está relacionado com a construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré (EFMM) que permitiu a consolidação do primeiro eixo de desenvolvimento de Rondônia, do final do século XIX a meados do século XX, na porção mesorregional do Madeira-Guaporé. O segundo diz respeito ao processo de construção da BR-364, inicialmente chamada de BR-029, que possibilitou a ligação do Centro-Sul do Brasil com a Amazônia Ocidental. Este último impactou a vida social da porção mesorregional do Leste Rondoniense em decorrência da política desenvolvimentista do Governo Militar pautado na perspectiva do setor agropecuário. Este fato provocaria uma mudança do eixo de desenvolvimento no estado de Rondônia do Madeira-Guaporé em direção ao Leste Rondoniense que implicaria numa nova mudança institucional. Assim, dentro desta perspectiva, existiram em Rondônia duas mudanças institucionais de extrema relevância para a região, as quais foram desencadeadas por essas duas formas de políticas de desenvolvimento regional: EFMM e BR-364 (CAVALCANTE, 2011).

Portanto, historicamente ligada com o contexto socioeconômico da Amazônia Oriental, a mesorregião Madeira-Guaporé também seguiu à dinâmica econômica evidenciada naquele oriente, o qual se pautava numa visão de mercado baseada num produto primário extrativista de exportação. Assim, a borracha praticamente foi o primeiro grande produto da Amazônia a ter um impacto significativo no cenário nacional e internacional. Na porção ocidental deste bioma, o mercado da *Hévea brasiliensis* trouxe uma extraordinária mudança que impactou, de maneira decisiva, através da construção da EFMM, o próprio seio social da região, naquilo que North (1990) vem chamando de *path dependence* ou dependência da trajetória.

Assim, a formação econômica das duas mesorregiões foi fortemente impactada por dois conjuntos de políticas de desenvolvimento ligadas à interligação do território com mercados externos. A primeira delas foi a decisão do governo brasileiro de construir a Estrada de Ferro Madeira-Mamoré, nos anos 1907 – 1912, ligando Porto Velho, atual capital do Estado, a Guajará-Mirim, na fronteira com a Bolívia. Essa área ocidental, de ocupação mais antiga, hoje se constitui na região mais deprimida e menos desenvolvida do Estado, formada pelas microrregiões de Porto Velho e Guajará-Mirim. A segunda está ligada a construção da rodovia federal BR 364, nos anos 1960, que ligou Porto Velho ao centro-sul do Brasil, e

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

alavancou o processo de colonização agropecuária na região leste do Estado e que hoje se constitui na região mais desenvolvida de Rondônia (microrregiões de Alvorada D'Oeste, Ariquemes, Cacoal, Colorado D'Oeste, Ji-Paraná e Vilhena) (CAVALCANTE e SILVA, 2008).

Especificamente em relação ao município de Guajará-Mirim, objeto da pesquisa, a idealização do presente estudo esteve centrada no interesse em entender um pouco mais sobre a dinâmica socioeconômica da região, tentando encontrar novos elementos que permita compreender melhor a realidade local que há muito tempo vem apontando um cenário alheio às políticas de desenvolvimento regional implantadas em Rondônia ao longo de sua trajetória, principalmente a partir da efetivação do modal rodoviário em detrimento do velho, do obsoleto e ultrapassado modal ferroviário, conforme apontado por Hardman (1988).

Além disso, o fato do município em questão ter tido uma trajetória contrária a dinâmica de Rondônia e do fato da região da BR-364 ter sido altamente criticada por organismos nacionais e internacionais sob o modo como foi conduzido o processo de colonização agropecuária no Estado, levou a região de Guajará-Mirim a receber uma forte política ambiental, o que a transformou rapidamente na principal região de preservação ambiental de Rondônia. Atualmente, este município apresenta-se quase que totalmente limitado por leis federal, estadual e municipal que, no conjunto, criaram unidades de conservação da natureza e terras indígenas em seu território. Desse modo, em torno de 93% dele é destinado as UC's de uso sustentável e de preservação permanente e as TI's.

Diante do exposto, o problema de pesquisa esteve ligado ao seguinte questionamento epistemológico: Qual o nível de capital social apresentado pelo setor empresarial da área de livre comércio de Guajará-Mirim? Para isso, foram elaborados outros questionamentos secundários que permitiram delinear as estratégias de pesquisa. Assim, propôs-se saber: quais os parâmetros que mais se destacaram em relação ao total de parâmetros que compõe o capital social utilizado pelo estudo? Qual a relação dos parâmetros de capital social em relação à dinâmica local? Qual a relação deste estudo com o que foi pesquisado por Cavalcante (2011)?

Assim, a presente pesquisa se insere nesse contexto, a qual parte do pressuposto de que o capital social é a força motriz que permite engendrar a dinâmica econômica local, desencadeando, com isso, o desenvolvimento endógeno. Portanto, é dentro desse enfoque que a presente pesquisa se estruturou onde, no fim, se buscou discutir o nível de capital social empresarial do município de Guajará-Mirim/RO como elemento-chave de compreensão do perfil empreendedor local.

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

Isto posto, o objetivo geral do trabalho foi determinar e analisar o nível de capital social empresarial do município de Guajará-Mirim/RO em relação à dinâmica socioeconômica da Área de Livre Comércio da fronteira Brasil/Bolívia em Rondônia. Como objetivos específicos pretenderam-se: a) determinar os parâmetros geradores do índice de capital social empresarial (ICSE) do Município de Guajará-Mirim/RO; b) determinar qual desses parâmetros foram mais expressivos através de uma escala de desempenho; c) determinar qual deles impactaram, de forma negativa, o processo de desenvolvimento endógeno do território em questão.

Para tanto, foram elaboradas as hipóteses estruturantes da pesquisa. Como primeira delas tem-se que se o ICSE apresentar valores acima de 0,700, então considerados de bom nível, implica desconsiderar a teoria do capital social para a realidade em estudo, pois demonstraria incoerência com a dinâmica local. Por outro lado, se o ICSE apresentar valores abaixo de 0,700, então considerados de baixo nível, implica aceitar a teoria do capital social para a realidade em estudo, demonstrando coerência com a dinâmica local.

## 2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

O empreendedorismo aparece no contexto atual como uma importante ação de caráter endógeno que surge ainda na década de 1970, mas é a partir de 1990 que esse enfoque começa a ganhar corpo institucional.

No Brasil, segundo Dornelas (2005), o movimento do empreendedorismo só começa de fato a tomar forma quando entidades como Sebrae (Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas) e Softex (Sociedade Brasileira para Exportação de Software) são criadas na década de 1990.

Contudo, o que significa ser empreendedor?

A expressão empreendedorismo foi traduzida da palavra inglesa *entrepreneurship*, que, por sua vez, foi derivada do latim *imprehendere*, tendo seu correspondente empreender, surgido na língua portuguesa no século XV (CRUZ Jr. *et. al.*, 2006).

Empiricamente pode-se definir o empreendedorismo como a habilidade de inovação em busca de uma melhor qualidade de vida num cenário que, em geral, parte de um ponto onde não há muitos recursos disponíveis para o desenvolvimento local e, dessa forma, tal iniciativa cria as condicionantes necessárias para a superação das dificuldades que, através da cooperação e governança, permitem construir um cenário propício de mudança institucional

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

capaz de alavancar a economia e trazer novas perspectivas de vida para aquelas populações anteriormente situadas num ambiente de crise.

Porém, do ponto de vista teórico há certo leque de visões que, embora retratem aspectos a priori divergentes, na verdade pode-se considerá-las complementares. Nesse sentido, apresentam-se três abordagens segundo os cientistas: Schumpeter, McClelland e Drucker.

| Autor             | Visão  |
|-------------------|--|
| <b>Schumpeter</b> | Em 1934, Schumpeter tratou empreendedorismo como a realização de novas combinações de recursos incluindo fazer coisas novas ou coisas que já são feitas em novas maneiras. Para ele, havia cinco formas de realizar novas combinações de recursos: (i) introdução de novos produtos; (ii) criação de novos métodos de produção; (iii) abertura de um mercado novo; (iv) identificação de novas fontes de suprimento; e (v) criar novas organizações.   |
| <b>McClelland</b> | Para McClelland (1961), cerca de 30 anos depois, o foco do significado de empreendedorismo recai sobre o que ele denominou comportamento empreendedor cujos componentes principais são: (i) uma atitude moderada face ao risco; (ii) o desenvolvimento de atividade instrumental nova e vigorosa; (iii) a assunção de uma responsabilidade individual pelas conseqüências dos atos em face de novas iniciativas; (iv) a capacidade de antecipação de possibilidades futuras; e (v) o desenvolvimento de habilidades organizacionais e decisórias.  |
| <b>Drucker</b>    | Peter Drucker, autor de renome no campo da Administração, defende a proposição do empreendedorismo como uma disciplina do conhecimento humano que pode ser adquirido em nível individual e organizacional, sendo, portanto, comportamento e não traço de personalidade. Ele considera a possibilidade de desenvolver uma teoria da economia e da sociedade baseada no empreendedorismo, cuja tarefa principal é fazer algo novo. Para ele o empreendedor busca por mudança, responde a ela e a explora como uma oportunidade. Para que isso seja possível, Drucker propõe o monitoramento contínuo de sete fontes de inovação: O inesperado (sucesso ou fracasso); Incongruência da realidade (diferenças entre o que é, parece ser e deve ser); Necessidades de processo; Mudanças na estrutura de mercado ou indústria; Demografia; Mudanças de percepção, humor ou significado (cultura); e Conhecimento novo |

**Quadro: Síntese das visões de Schumpeter, McClelland e Drucker sobre empreendedorismo.**

Fonte: Gimenez *et. al.* (2008).

Portanto, nota-se que a “inovação” é um termo em comum entre os três teóricos. Nessa perspectiva é aceitável o pensamento de Schumpeter *apud* Dornelas (2005) ao revelar que o empreendedor é aquele que destrói a ordem econômica existente pela introdução de novos produtos e serviços, pela criação de novas formas de organização ou pela exploração de novos recursos e materiais.

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

Porém, essa visão não deve ser interpretada no sentido de destruição. Mas, no sentido de encontrar um novo mecanismo capaz de engrenar a economia de modo a trazer benefícios em termos de desenvolvimento. Assim, o elemento-chave para Drucker (1987) está nas oportunidades. Segundo este autor, o empreendedor é aquele que cria algo novo, algo diferente, é aquele que muda ou transforma “valores” e, ainda, pratica a inovação sistematicamente, buscando fontes de inovação e criando oportunidades.

Nesse sentido, Dornelas (2005) conceitua empreendedorismo como sendo o envolvimento de pessoas e processos que, em conjunto, levam à transformação de idéias em oportunidades. Mas, torna-se preciso levar em consideração as três atividades críticas que estão no entorno desse cenário: conceber visões, tomar decisões e realizar as visões (FILION, 2000).

Por isso, o empreendedorismo é entendido como a energia da economia, a alavanca de recursos, o impulso de talentos e a dinâmica de idéias (CHIAVENATO, 2006).

Porém, é sempre bom lembrar que tudo isso ocorre dentro de um espaço territorial limitado, o que transmite uma espécie de lócus de desenvolvimento já que a idéia desta concepção parte do pressuposto de uma iniciativa local em detrimento de uma ação governamental de “cima para baixo”. É, portanto, com base nesse aspecto que se insere a teoria do desenvolvimento endógeno.

Assim, a referida teoria surge como perspectiva de opção para regiões em situações de crise institucional, a exemplo do município objeto de pesquisa que diante de um cenário que a coloca na principal região de preservação ambiental de Rondônia, com seus quase 93% do território comprometido com unidades de conservação da natureza e de terras indígenas, pouco resta para o desenvolvimento de uma atividade econômica tradicional.

O desenvolvimento regional endógeno, conforme Amaral Filho (1999, p.262), pode ser definido como:

[...] um processo de crescimento econômico que implica uma contínua ampliação da capacidade de agregação de valor sobre a produção, bem como da capacidade de absorção da região, cujo desdobramento é a retenção do excedente econômico gerado na economia local e/ou a atração de excedentes provenientes de outras regiões. Esse processo tem como resultado a ampliação do emprego, do produto e da renda do local ou da região [...].

De acordo com Barqueiro (1998), a capacidade de a sociedade liderar e conduzir o seu próprio desenvolvimento regional, condicionando-o à mobilização dos fatores produtivos disponíveis em sua área e ao seu potencial endógeno, traduz a forma de desenvolvimento

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

denominado endógeno. Para esse mesmo autor, podem-se identificar duas dimensões no desenvolvimento regional endógeno. A primeira, econômica, na qual a sociedade empresarial local utiliza sua capacidade para organizar, da forma mais produtora possível, os fatores produtivos da região. A segunda, sociocultural, onde os valores e as instituições locais servem de base para o desenvolvimento da regional.

O capital social, nesse processo, apresenta-se como um dos principais fatores estratégicos de estímulo ao desenvolvimento endógeno. Assim, conforme Souza Filho (2002), a contribuição da teoria endogenista foi identificar que fatores de produção atualmente decisivos, como o capital social, o capital humano, o conhecimento, a pesquisa e desenvolvimento, a informação e as instituições, eram determinados dentro da região e não de forma exógena, como até então era entendido. Por conseguinte, logo se concluiu que a região dotada destes fatores ou estrategicamente direcionada para desenvolvê-los internamente teria as melhores condições de atingir um desenvolvimento acelerado e equilibrado.

Assim, de acordo com Arraes; Barreto (2002) *apud* Cavalcante (2011, p. 105), “o capital social pode ser endógeno quando este revaloriza o conjunto de recursos de um país ou região e permite a otimização do seu potencial”.

Putnam, um cientista social de Harvard que realizou uma importante pesquisa por décadas sobre a Itália moderna, já apontava como principal conclusão de seu trabalho que o capital social determinava o nível de desempenho institucional, comprovando, assim, a teoria institucionalista que defende o contexto histórico como moldador de cultura e de poder auto-reforçante. Com isso, ficou evidente que a história, no caso da Itália, se comportou como uma peça fundamental para a compreensão da dinâmica daquelas regiões sob a qual estavam exercendo um poder de análise. Tal aspecto explicava o porquê de regiões com os mesmos desenhos institucionais, isto é, com as mesmas matrizes institucionais acabavam tendo desempenhos tão díspares. Portanto, é através da obra de Putnam e de seu método de análise que esta perspectiva de abordagem ganha vulto no mundo. Na Amazônia, o trabalho de Cavalcante (2011), que procurava analisar a desigualdade regional no Estado de Rondônia, através da teoria institucionalista de Douglass North, tem demonstrado, entre outras, que o capital social, tal qual na Itália, também exerceu aqui uma característica *path dependence* e que, desse modo, contribuiu significativamente para entender melhor a desigualdade regional rondoniense dentro desta perspectiva. Assim, por esse estudo, ficou demonstrado que os desempenhos entre as duas mesorregiões do Estado se dão de forma diferenciada. E, nessa

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

abordagem, a região de Guajará-Mirim tem evidenciado uma característica que tende a indicar baixa governança e cooperação, principais fatores para o desenvolvimento endógeno.

Desse modo, a sociedade acaba sendo o motor indutor de práticas empreendedoras, pois é dela que parte as iniciativas que resultam no desenvolvimento. Portanto, o econômico acaba sendo uma resultante do grau de organização e da maturidade social de determinada sociedade, o que permite associar a teoria institucionalista com o capital social e a teoria do desenvolvimento endógeno de forma harmônica.

Mas, qual o papel desempenhado pelo empresariado local de Guajará-Mirim no contexto do desenvolvimento endógeno? A atual situação de capital social empresarial está beneficiando ou apenas servindo de obstáculo para esse fim? É o que se discutirá a seguir. Todavia, é importante abordar os procedimentos metodológicos utilizados pela presente pesquisa.

### **3 METODOLOGIA**

Trata-se de uma pesquisa que se enquadra no método de pesquisa hipotético-dedutivo.

Sobre método entende-se a forma de proceder ao longo de um caminho. Na ciência os métodos constituem os instrumentos básicos que ordenam o pensamento em sistemas, traçam de modo ordenado a maneira de proceder do cientista ao longo de um percurso para alcançar um objetivo (TRUJILLO, 1974).

Embora tal método tenha seu foco relacionado à pesquisa de cunho qualitativo, esta pesquisa fez-se uso de ferramentas de análise de métodos quantitativos para a determinação do ICSE (Índice de Capital Social Empresarial) no município de Guajará-Mirim/RO.

Para tanto, foi empregada a ferramenta estatística SPSS, versão 17, como instrumental para se calcular os índices apresentados pela pesquisa, conforme procedimento apontado por Cavalcante (2011). Os dados apresentados foram propícios à aplicação da análise fatorial, conforme os parâmetros observados de KMO e Cumunalidades.

#### **3.1 Universo e amostra da pesquisa**

A pesquisa restringiu-se ao campo amostral de 51 (cinquenta e uma) empresas de diferentes setores do mercado local, onde foram identificados proprietários e gerentes como potenciais entrevistados. Os seguimentos de mercado selecionados foram os seguintes:



## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

concessionárias e mecânica de motos, concessionária e mecânica de veículos, materiais de construção e elétricos, distribuidoras e supermercados, produtos farmacêuticos e cosméticos, peças automotivas, lojas de confecções e tecidos, papelarias, produtos e máquinas agrícolas, informática, eletrônica e entretenimento.

### **3.2 Instrumentos e procedimentos da pesquisa**

Esta pesquisa se utilizou do procedimento técnico de coleta em fontes secundária de dados, a partir de materiais já publicados, tais como: artigos, materiais disponíveis na internet, livros, revistas e teses. Além disso, foram empregadas técnicas de pesquisa em fonte primária, através da aplicação de questionários, conforme modelo padrão de **Questionário Integrado para Medir o Capital Social (QI-MCS)**, fornecido pelo Banco Mundial (2002), em nível empresarial do município de Guajará-Mirim, os quais serviram para levantar os indicadores de desempenho do ICSE, objeto de estudo da pesquisa.

Portanto, o questionário foi estruturado nas seguintes dimensões de análise do capital social: a) grupos e redes; b) confiança e solidariedade; c) ação coletiva e cooperação; d) informação e comunicação; e) coesão e inclusão social e f) empowerment. Desse modo, o ICSE foi calculado com base na média de tais dimensões. A escala adotada para análise foram as seguintes: de 0,000 a 0,300 (muito baixo), de 0,301 a 0,500 (baixo), de 0,501 a 0,700 (regular), de 0,701 a 0,900 (alto) e de 0,901 a 1,000 (muito alto).

A visão empírica também fez parte da análise, ao possibilitar que o conhecimento tácito correlacionasse tais índices com a dinâmica socioeconômica local e, assim, construindo novas visões e explicações da realidade em questão.

### **3.3 Coleta de dados**

Após a reformulação do questionário, deu-se início a sua aplicação. Em seguida, deu-se início ao processo de tabulação. Durante todo o processo, procurou-se realizar uma revisão para saber se os dados fornecidos pelos entrevistados foram preenchidos corretamente e se o processamento de tais dados oferecia níveis ideais de confiabilidade para o resultado da pesquisa.

## **4 RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os segmentos empresariais existentes na área de livre comércio de Guajará-Mirim dos quais participaram da presente pesquisa podem ser visto pelo gráfico a seguir.

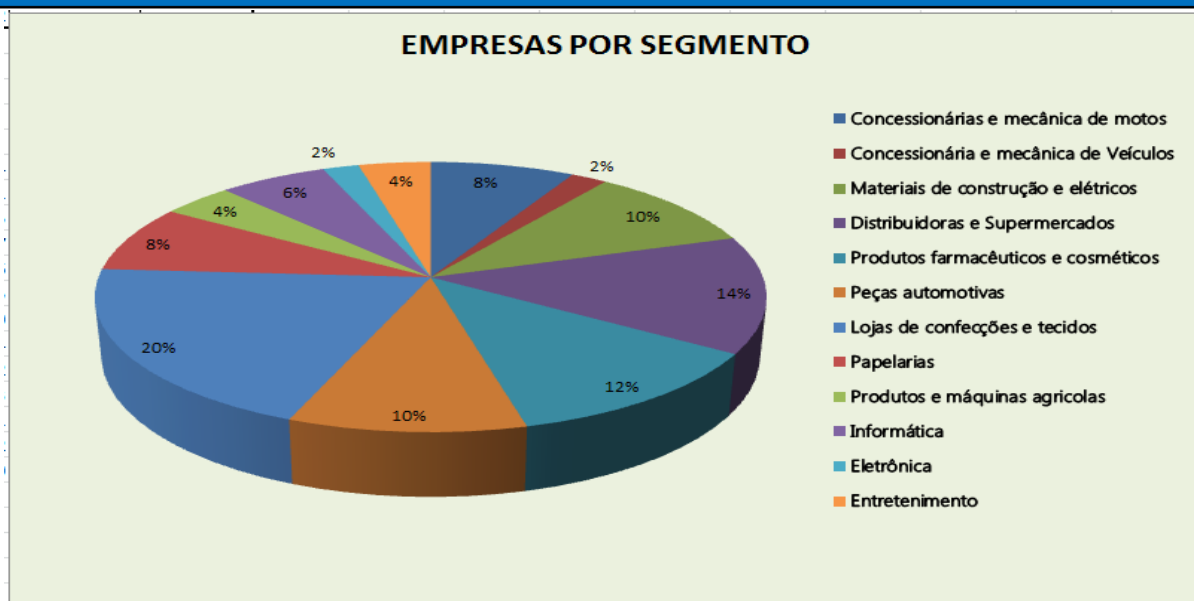


Gráfico 1: Segmentos empresariais contemplados pela pesquisa

Fonte: ALVES (2011).

#### 4.1 Parâmetro de capital social: Grupos e redes

A análise de grupos e redes segundo Grootaert et al (2003, p.8) envolve a seguinte abordagem:

“Esta é a categoria mais comumente associada ao capital social. As questões nesta seção consideram a natureza e a extensão da participação de um membro de um domicílio em vários tipos de organização social e redes informais, assim como as várias contribuições dadas e recebidas nestas relações. Também considera a diversidade das associações de um determinado grupo, como suas lideranças são selecionadas, e como mudou o envolvimento da pessoa com o grupo ao longo do tempo.”

A seguir é apresentado o resultado do capital social para o referido parâmetro.

Conforme o gráfico 2, tornou-se possível apontar que o nível de capital social para o parâmetro Grupos e Redes estão no nível “regular”, conforme a sua escala de medida. Assim, evidenciando que os empresários não estão se relacionando uns com os outros de maneira satisfatória e até mesmo com a sociedade. Porém, torna-se preciso analisar outros parâmetros para se inferir com maior propriedade a realidade empresarial do município em questão.

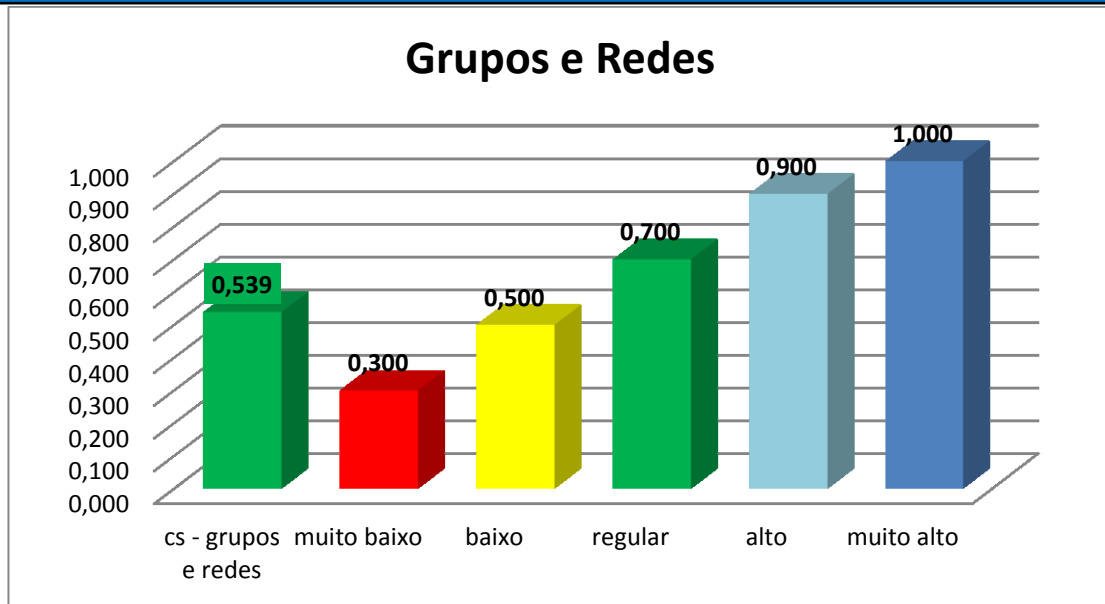


Gráfico 2: Resultado da pesquisa para o parâmetro Grupos e Redes

Fonte: ALVES (2011).

#### 4.2 Parâmetro de capital social: Confiança e solidariedade

Segundo Singer (2003, p.2), “a confiança em alguém se desenvolve à medida que conhecemos a pessoa o bastante para poder prever suas atitudes em diferentes circunstâncias.” Para Grootaert et al (2003, p.8) “além das perguntas tradicionais sobre confiança presentes em um número notável de pesquisas nacionais, esta categoria busca levantar dados sobre a confiança em relação a vizinhos, provedores de serviços essenciais e estranhos.” A seguir é apresentado o resultado desse parâmetro para o município de Guajará-Mirim (Gráfico 3).

Com base neste resultado, o índice aponta que o nível de confiança e solidariedade com valor de 0,479 em uma escala de 0,000 à 1,000 está “baixo”. Portanto, permite concluir que diante dos dois primeiros índices, “grupos e redes” e “confiança e solidariedade” fica claro que há relação entre essas duas dimensões do capital social. Como o grau de confiança é baixo entre os empresários, fica difícil haver uma relação social próspera já que a confiança é pré-requisito básico para a inter-relação entre os grupos sociais e organizacionais.

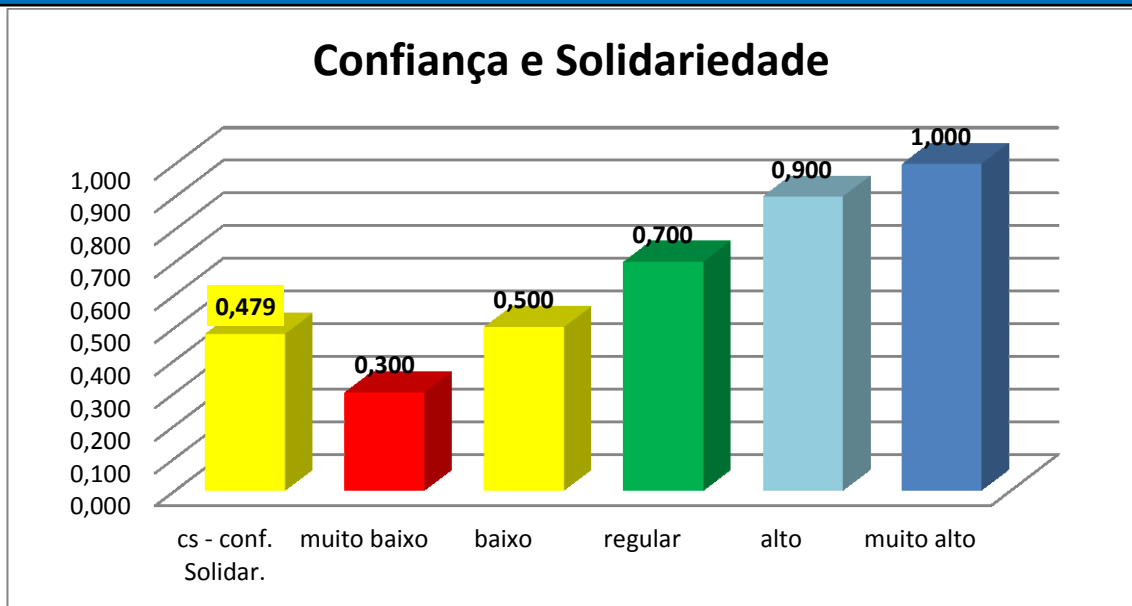


Gráfico 3: Resultado da pesquisa para o parâmetro Confiança e Solidariedade

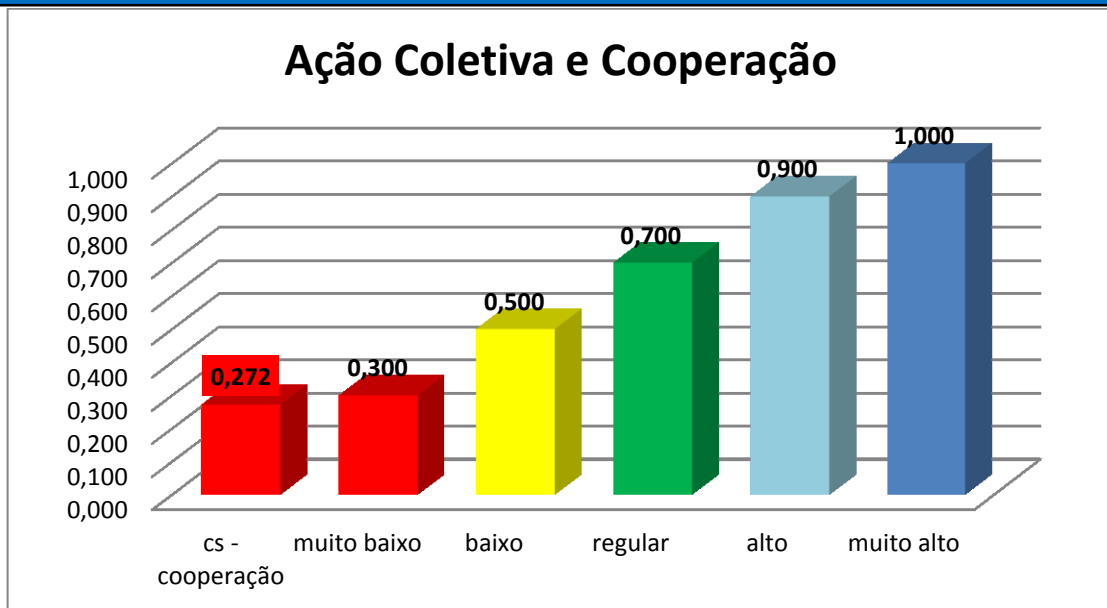
Fonte: ALVES (2011)

#### 4.3 Parâmetro de capital social: Ação coletiva e Cooperação

A cooperação age como ferramenta de ligação entre as pessoas que possuem um objetivo em comum, proporcionando proteção e uma maior eficácia nos processos.

Arraes e Barreto, 2002 *apud* Cavalcante (2011, p. 105), também destaca que o capital social pode ser endógeno quando este revaloriza o conjunto de recursos de um país ou região e permite a otimização do seu potencial expressando que em lugares onde há escassez de setores econômicos, a população descrita como recursos naturais, somado a ação coletiva e cooperação configura um bom desenvolvimento local.

Para Grootaert et al (2003, p.8), a categoria ação coletiva e cooperação investiga se e como os empresários têm trabalhado com outras pessoas dentro de sua empresa e na comunidade, bem como em projetos conjuntos e/ou como resposta a uma crise. Também considera as conseqüências do não cumprimento das expectativas em relação à participação. A seguir é apresentado o resultado para esse parâmetro de capital social (Gráfico 4).



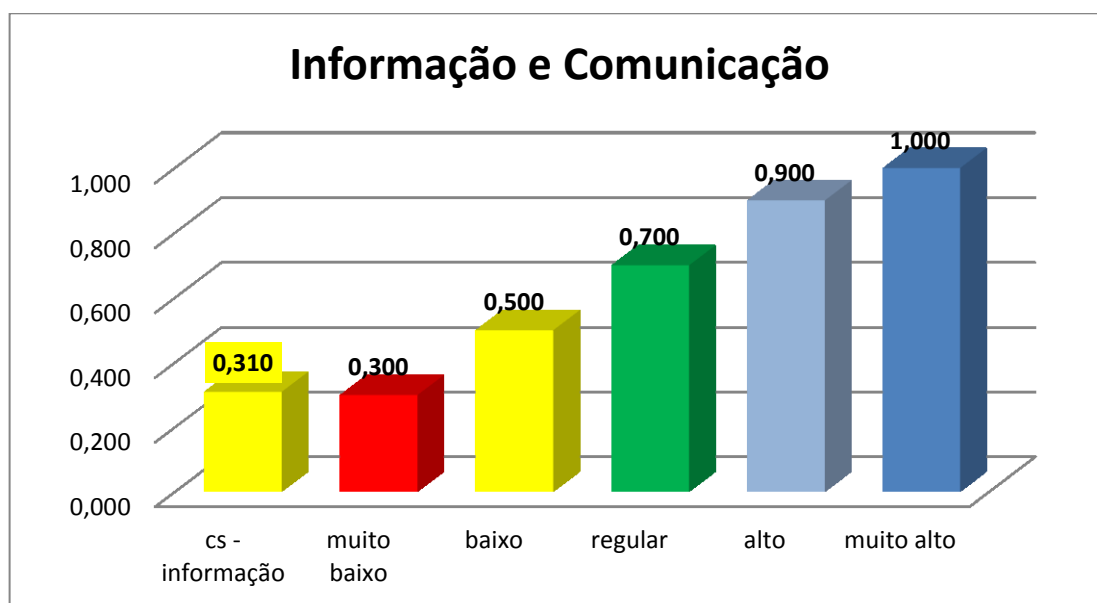
**Gráfico 4: Resultado da pesquisa para o parâmetro Ação Coletiva e Cooperação**  
Fonte: ALVES (2011)

Pelo gráfico nota-se que o nível de cooperação entre os empresários locais é muito baixo, atingindo um índice de 0,272. Tal aspecto só demonstra o caráter da relação social que marca a cultura local do município de Guajará-Mirim. Pensar num processo de desenvolvimento endógeno dentro de um cenário em que seu principal fator de motivação é exatamente aquele que se apresenta mais escasso na região é, no mínimo, um grande obstáculo. Diante disso, querer que a própria população encontre rapidamente um mecanismo de interação capaz de mexer com a dinâmica local dentro de uma realidade como esta é desconhecer a dinâmica da região. Portanto, há necessidade de se buscar institucionalmente um setor capaz de conduzir o processo de desenvolvimento local, seja através do governo municipal, como também do governo do Estado ou Federal, bem como da iniciativa privada não vinculada a este cenário de crise. Contudo, não quer dizer que abandonemos o barco. Não é isso. Mas apenas se afirma que tal iniciativa encontrará grandes barreiras socioculturais que exigirá mais esforços e habilidades extras se comparado com aquelas localidades que tradicionalmente apresentam-se mais dinâmicas. Em outras palavras, é preciso entender que neste caso o processo é mais lento, longo e trabalhoso.

#### 4.4 Parâmetro de capital social: Informação e comunicação

Neste tópico abordar-se-á qual a relação entre a informação, os empresários e os grupos funcionais.

Para Grootaert et al (2003, p.8), “o acesso à informação tem sido reconhecido cada vez mais como fundamental para ajudar as comunidades empobrecidas a terem uma voz mais ativa em assuntos relativos ao seu bem-estar (Banco Mundial 2002). Esta categoria de questões explora os meios pelos quais os domicílios pobres recebem informações relativas às condições de mercado e serviços públicos, e até onde têm acesso às infraestruturas de comunicação”. No gráfico a seguir será apresentado o resultado da pesquisa sobre o capital social para o parâmetro informação e comunicação.



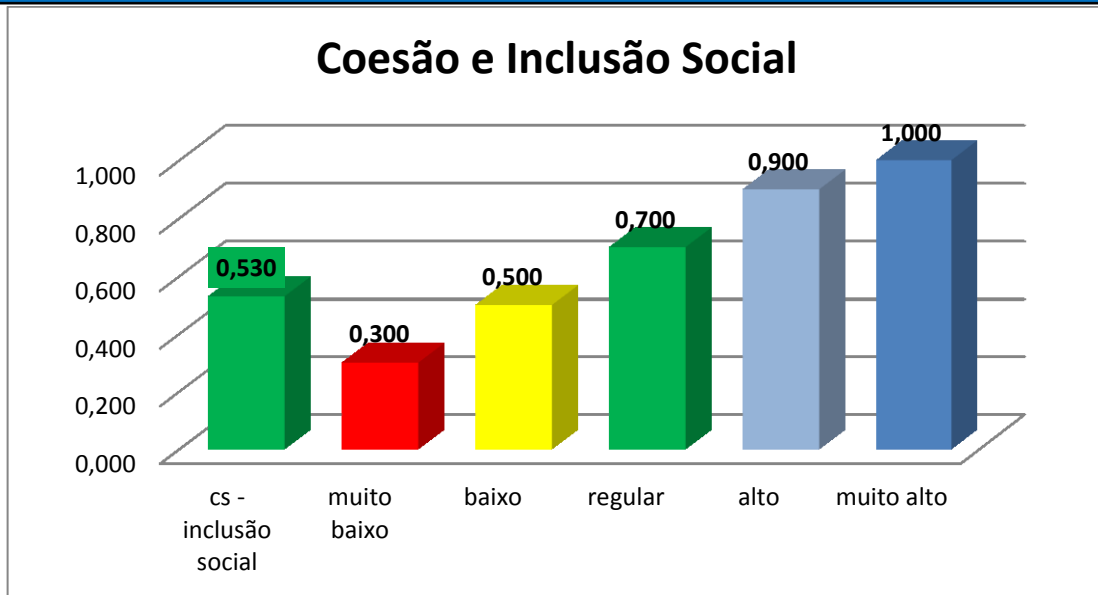
**Gráfico 5: Resultado da pesquisa para o parâmetro – Informação e Comunicação**

Fonte: ALVES (2011)

Nota-se, portanto, pelo gráfico 5, que há deficiência de informações pelos empresários locais, o que pode estar ocasionando um aumento de custos de transação já que tal cenário aumenta a incerteza exatamente pela não valorização local de um bem tão valioso no mercado, a informação. O índice apresentado encontra-se na categoria de baixo desempenho ao apresentar um valor de 0,310.

#### 4.5 Parâmetro de capital social: Coesão e Inclusão Social

Uma das manifestações positivas de um alto grau de capital social numa comunidade é a ocorrência de freqüentes interações sociais cotidianas. Essa “sociabilidade” pode ser encontrados com pessoas em espaços públicos, visitas às casas dos outros e visitas dos outros à própria casa, e participação em eventos comunitários, tais como esportes ou cerimônias. (GROOTAERT *et al.* 2003, p.20). A seguir é apresentado o resultado do índice para a coesão e inclusão social.



**Gráfico 4.6 – Resultado da pesquisa para o parâmetro – Coesão e Inclusão Social**

Fonte: ALVES (2011)

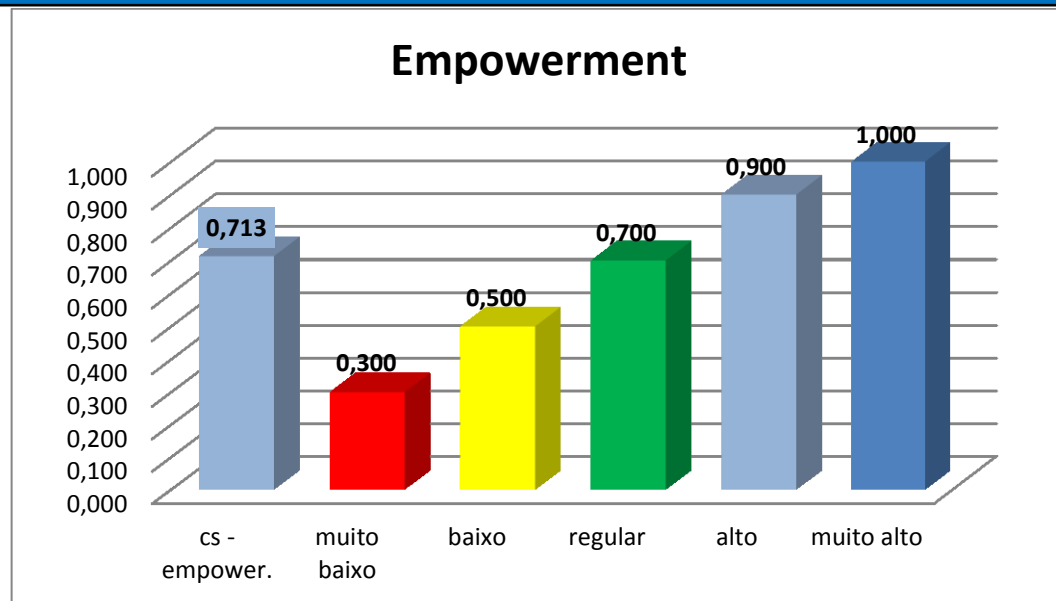
Nota-se pelo índice de 0,530 (Gráfico 6), que o mesmo se enquadra na categoria regular. Assim, tal índice permite analisar que os empresários, embora apresentando um ambiente de classe profissional que dificulta a cooperação, na categoria de coesão e inclusão social se percebe que eles estão de certo modo interagindo com a comunidade em geral. Contudo, pelos os demais índices apresentados anteriormente, nada indica que esta relação social esteja vinculada a um ambiente que promova uma mudança institucional capaz de possibilitar uma nova esperança de um dia melhor.

#### **4.6 Parâmetro de capital social: Empowerment**

O Empowerment pode ser definido como:

“Um processo de reconhecimento, criação e utilização de recursos e de instrumentos pelos indivíduos, grupos e comunidades, em si mesmos e no meio envolvente, que se traduz num acréscimo de poder – psicológico, sócio-cultural, político e econômico – que permite a estes sujeitos aumentar a eficácia do exercício da sua cidadania” (PINTO, 1998, p.247).

A seguir, o Gráfico 7 apresentará o resultado do índice empowerment dos empresários locais.



**Gráfico 7: Resultado da pesquisa para o parâmetro – Empowerment**

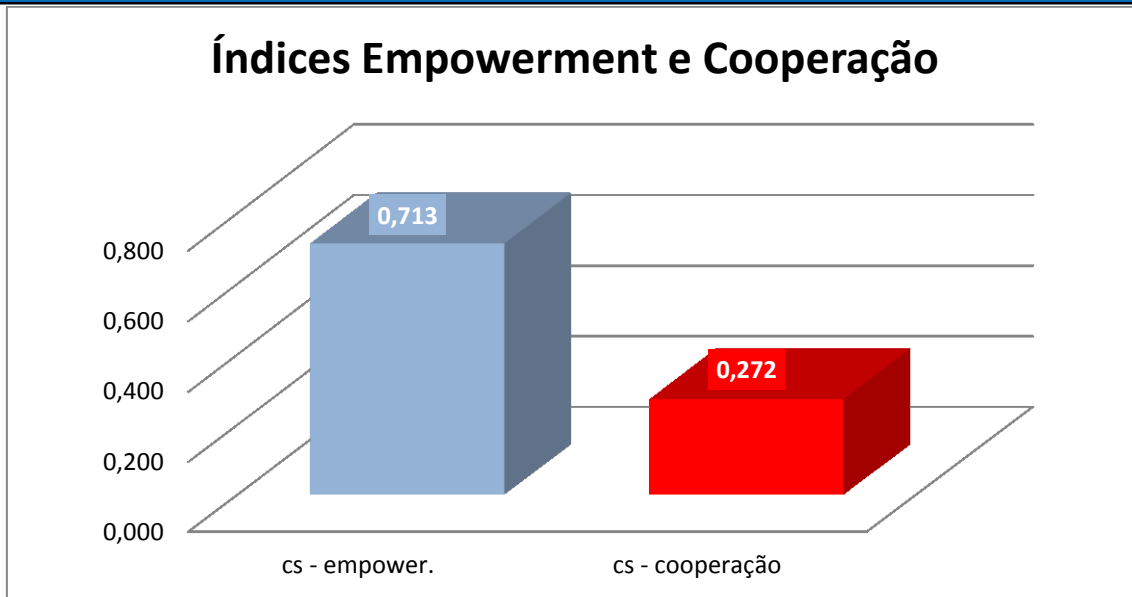
Fonte: ALVES (2011)

Pode-se observar que o capital social para o parâmetro – empowerment foi de 0,713 (Gráfico 7). Este resultado indica que este parâmetro foi o mais alto dentre todos os outros estudados. Tal fato comprova que os empresários de Guajará-Mirim têm uma forte influencia nas questões políticas do município. Porém, esta relação é individualizada, o que exclui dessa análise o caráter da governança que, possivelmente, estaria ali envolvido.

Cabe frisar que apesar das outras dimensões do capital social estar na condição entre regular e baixo, outras duas, porém, chamaram bastante a atenção: “ação coletiva e cooperação” e o “empowerment” abordado neste tópico. Logo, com o objetivo de ilustrar melhor como está à situação das representações e do individualismo dos empresários, foi elaborado um gráfico síntese dos dois índices (Gráfico 8).

Portanto, com base nos dados obtidos, observa-se que a baixa cooperação e o bom empowerment possibilita inferir que os empresários tendem a interferir na política local, participando ativamente das discussões políticas internas, bem como, exercendo um poder sobre as políticas públicas in loco. Dessa forma, possibilita ver que essa relação se dá de forma individualizada, demonstrando um mercado com forte dependência política e de baixa governança, se analisado os outros parâmetros.





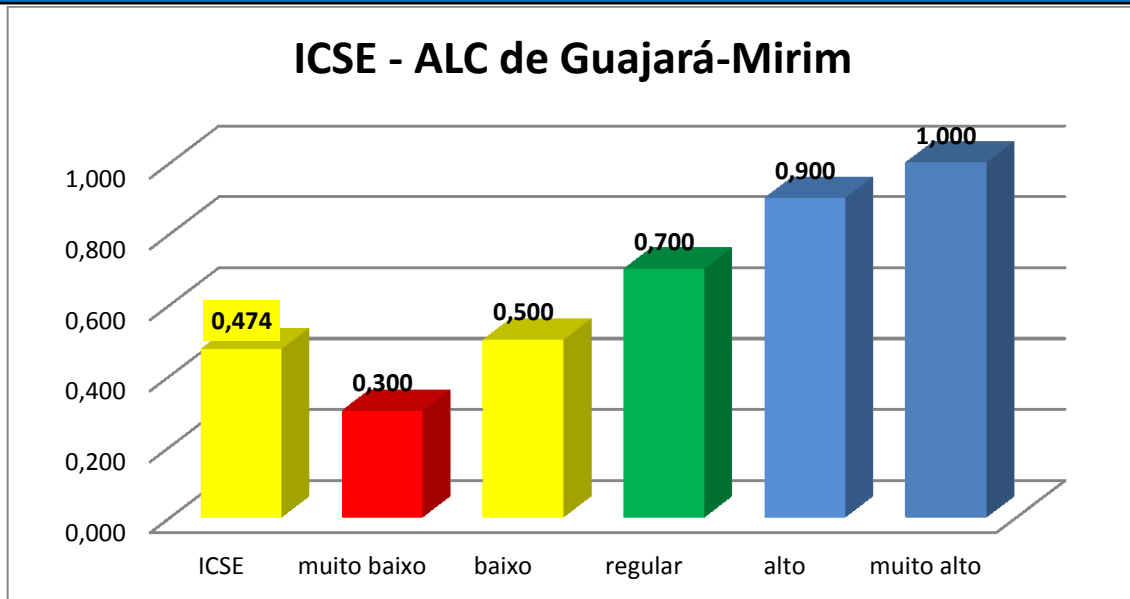
**Gráfico 8: Representação do índices: cooperação e empowerment**

Fonte: ALVES (2011)

#### 4.7 O ICSE na Área de Livre Comércio de Guajará-Mirim

Mas, afinal, qual o ICSE em Guajará-Mirim? Para responder a isso, o gráfico 9 ilustra esse resultado final.

Com base no gráfico 9 é possível diagnosticar o baixo desenvolvimento do capital social entre os empresários deste município. Convém ressaltar, porém, que a sociedade não é composta por indivíduos independentes, mas ficou claro nas dimensões do capital social: ação coletiva e cooperação, que os empresários estão agindo individualmente ao criar um isolamento institucional, portanto, contribuindo para o engessamento do desenvolvimento endógeno no município o que, com isso, ajuda a explicar o crítico cenário de estagnação econômica que assola a região. Tais resultados estão de acordo com o que foi pesquisado por Cavalcante (2011) e demonstra a validade da teoria do capital social como explicação da situação de desenvolvimento endógeno aqui estudado.



**Gráfico 9: ICSE – ALC de Guajará-Mirim**

Fonte: ALVES (2011)

## 5 CONCLUSÕES

Ao longo desta pesquisa foi possível constatar o alcance dos objetivos propostos, os quais permitiram chegar às seguintes conclusões:

- O baixo nível de capital social empresarial no município de Guajará-Mirim demonstra coerência com a pesquisa feita por Cavalcante (2011), e confirma a hipótese 2 levantada pela pesquisa que indica adequação da teoria com os dados apresentados;
- O índice relativamente alto de Empowerment, que em princípio indicaria um bom nível de empreendedorismo, foi influenciado pelo fato do público alvo da pesquisa ter sido somente o empresariado local. Esse parâmetro foi o mais alto dentre todos os que compuseram o ICSE local;
- O índice de cooperação, por sua vez, foi o mais crítico de todos, alcançando um valor de 0,272, portanto, muito baixo. Tal índice serviu para indicar que a cultura local, em princípio, se estrutura numa visão individualista de mercado, deixando explícito que a cooperação é um fator quase que inexistente na região. Tal aspecto serviu, também, para detalhar o caráter alto do empowerment. Por este parâmetro fica claro que a governança é igualmente baixa na região.
- A relação entre os índices de cooperação e empowerment serviu para identificar a forte relação do setor empresarial local com o aspecto político. O alto

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

empowerment indica uma forte ligação com o setor político e a baixa cooperação dá sinais claros do individualismo nesse processo. Assim, no município de Guajará-Mirim se observa forte dependência política para as tomadas de decisão empresarial com alto grau de individualismo, o que em tese vem minando as oportunidades de negócios em nível de cooperação, o que poderia ser o início de um novo processo de mudança endógena;

- Com base ainda na relação entre empowerment e cooperação pode-se inferir que as médias e grandes representações empresariais, situadas na região em estudo, acabam ditando, de maneira geral, às regras do jogo de forma a torná-las, elas mesmas, beneficiárias dos processos de tomada de decisão política. E tal aspecto contribui para explicar o atual modelo econômico selvagem que parece fazer parte do cenário local, onde o que vale é o poder de barganha política e o que menos importa é a cooperação como estratégia de vantagem competitiva;

- Os demais índices alcançados pela pesquisa estão relacionados à baixa cooperação entre os stakeholders, o que tende a indicar uma sociedade com baixo nível de civismo, ingrediente fundamental para o crescimento do capital social, no caso, o ICSE de Guajará-Mirim que apresentou um valor de 0,474, portanto, considerado baixo para este estudo;

### REFERÊNCIAS

ALVES, Emerson de Araújo. **Empreendedorismo e o desenvolvimento endógeno**: um estudo sobre o capital social empresarial no município de Guajará-Mirim, Rondônia. Monografia. Universidade Federal de Rondônia, Ciências da Administração, 2012.

AMARAL FILHO, Jair do. A Endogeneização no Desenvolvimento Econômico. In: **Encontro de Economia da Região Sul – ANPEC**, 2, Curitiba, 1999.

BARQUERO, Antonio Vásquez. **Desarrollo local**: una estrategia de creación de empleo. Madrid: Pirâmide, 1988.

CAVALCANTE, Fábio Robson Casara. **Análise da desigualdade regional no estado de Rondônia à luz da teoria institucionalista de Douglass North**. Tese (Doutorado). Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, UFPA, NAEA, Doutorado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, 2011.

## I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

CAVALCANTE, Fábio Robson Casara; SILVA, Fábio Carlos da. Formação econômica e desigualdade intrarregional no Estado de Rondônia. **In: Seminário Internacional - Amazônia e Fronteiras do Conhecimento**. Belém: UFPA/Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, 9 a 11 dez. 2008. Disponível <http://www.ufpa.br/naea/siteNaea35/anais/...>, acessado em 01/06/2012.

CHIAVENATO, I. **Empreendedorismo**: Dando asas ao espírito empreendedor. 1. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

CRUZ Jr., João Benjamim; ARAÚJO, Pedro da Costa; WOLF, Sérgio Machado; RIBEIRO, Tatiana V. A. Empreendedorismo e educação empreendedora: confrontação entre a teoria e prática. **Revista de Ciências da Administração** – v.8, n.15, jan/jun 2006.

DORNELAS, J. C. A. **Empreendedorismo**: transformando idéias em negócios. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

DRUCKER, P. F. **Inovação e espírito empreendedor**. São Paulo: Pioneira, 1987.

FILION, L.J. Aprender a empreender. In: FILION, L. J.; DOLABELA, F. et al. **Boa idéia! E agora?** São Paulo: Cultura e Editores Associados, 2000.

GIMENEZ, Fernando Antonio Prado; FERREIRA, Jane Mendes; RAMOS, Simone Cristina. **Configuração Empreendedora ou Configurações Empreendedoras? Indo um pouco além de Mintzberg**. XXXII Encontro da ANPAD. Rio de Janeiro: EnANPAD, 6-10 set. 2008.

GROOTAERT, Christiaan; NARAYAN, Deepa; NYHAN JONES, Veronica; WOOLCOCK, Michael. **Questionário Integrado para Medir Capital Social**. Banco Mundial, junho, 2003.

HARDMAN, Francisco Foot. **Trem fantasma**: espetáculos do maquinismo à modernidade. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

NORTH, D. C. **Institutions, institutional change and economic performance**. Cambridge: University Press, 1990.

PINTO, Carla. Empowerment: uma Prática de Serviço Social. **In: Pinto C. Lisboa: ISCSP**, 1998, p.247-64.

I Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração da Amazônia  
Gestão e Sustentabilidade na Amazônia

SINGER, Paul, 2003. Desenvolvendo confiança e solidariedade: as instituições necessárias.

**Ciclo de Seminários Brasil em Desenvolvimento.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

SOUZA FILHO, Jorge Renato. **Desenvolvimento Regional Endógeno, Capital Social e Cooperação.** Porto Alegre: UFRS, 2002.

TRUJILLO, F.A. **Metodologia da Ciência.** 2ª Edição. Rio de Janeiro: Kennedy, 1974.